

SOBRAL E DITADURA CIVIL-MILITAR: (DES)CONSTRUÇÃO DO ESQUECIMENTO

João Batista Teófilo Silva¹

RESUMO: Este artigo faz parte de um estudo mais amplo sobre a cidade de Sobral, Ceará, no contexto da Ditadura Civil-Militar, a partir da análise de periódicos, testemunhos orais e relatórios do Departamento de Operações e Política Social – DOPS. Trata-se de um dos capítulos do meu trabalho monográfico que estuda as repressões pelo regime militar na cidade, comumente negligenciadas nos estudos sobre a história do local que, a partir de uma perspectiva elitizada, constroem um discurso homogeneizador, permeado por silêncios quando se trata de referenciais sobre o período ditatorial. Busca-se entender a dinâmica cidadina durante o período, evidenciando Sobral para além da concepção de uma cidade pacata e ordeira, distante dos conflitos, das resistências e da política repressiva do contexto ditatorial.

Palavras-chave: Ditadura Civil-Militar; Repressão; Sobral

ABSTRACT: This article is part of a broader study on the city of Sobral, Ceará, in the context of the Civil-Military Dictatorship, from the analysis of journals, oral testimonies and reports from the Department of Social Policy and Operations - DOPS. This is a chapter of my monograph that examines the suppression by the military regime in the city, often neglected in studies of the local history, the speech is usually homogenizer and built from an elitist perspective, permeated by silence when it comes to references about the dictatorial period. We seek to understand the dynamic city during the period, showing Sobral beyond the conception of a peaceful and orderly city, distant from conflicts, resistances and the repressive policy of the dictatorship.

Keywords: Civil-Military Dictatorship; Suppression; Sobral

¹ Graduado em História (Licenciatura) pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). *E-mail:* jteofilogessinger@hotmail.com

1. SOBRAL: UMA CIDADE (DES)ORDEIRA

Sobral, em seu processo de construção histórica, é marcada por certas peculiaridades que a classifica dentro de um universo simbólico, instituído a partir de uma “sobralidade”.² Mas o que nos interessa, porém, não é ater-se, essencialmente, ao que significa este adjetivo, mas entendê-lo em seu processo de construção e os silêncios que o permeia, tendo em vista que ele se dá a partir de seleções e esquecimentos, que constroem uma “cidade” em detrimento de outra. Seguindo a perspectiva de Freitas, entendemos que: “o passado lembrado pela elite da Cidade nos termos aqui apresentados é seletivo, representado, introjetado e reproduzido nos e pelos vários grupos sociais que compõem a elite e constroem expectativas que lhes interessam no presente”.³

Marcada por uma presença constante da Igreja Católica em sua formação, abarcando os âmbitos culturais, sociais e econômicos⁴, a história de Sobral, pensada e formatada pelas elites político-econômicas, está intrinsecamente ligada à figura de D. José Tupinambá da Frota, seu primeiro bispo, que assumiu condições heróicas após sua morte, sendo sinônimo de benfeitorias; sinônimo do progresso sobralense durante o século passado. A figura de D. José atua, portanto, como uma referência heróica ou quase heróica, sendo ele autor de benfeitorias para a cidade, que o transforma no “segundo fundador de Sobral”.⁵ A ele é atribuída a construção de uma Sobral ordeira, moralizada pelos princípios católicos, aristocrática, e permeada por uma harmonia social que afasta do espaço citadino a possibilidade de tensões. Foi D. José o fundador do semanário *Correio da Semana*, portavoz da Diocese, que atuou numa leitura específica sobre a cidade de Sobral, inserindo-a nos paradigmas moralizantes da Igreja Católica, a partir deste imaginário que se construiu em torno de um ideal de “sobralidade triunfante”. A mitificação de D. José se dá a partir da

² “Essa idéia da ‘sobralidade’ inspira uma organização discursiva sobre a Cidade que fala de eventos fundadores baseados em histórias de ‘heróis’, experiências e lugares, construindo uma aura de importância que tende a criar uma imagem de Sobral como pólo difusor de padrões comportamentais, econômicos, políticos e intelectuais (...). Estas lembranças fundadoras são definidas em um discurso elaborado pela ‘autoridade’ da elite, influenciadora de significados que devem ser respeitados e reproduzidos por todos os habitantes de Sobral e de outras cidades”. In: FREITAS, Nilson Almino de. *Sobral, opulência e tradição*. Sobral: Edições UVA, 2000, p.71.

³ *Ibidem*, p. 137.

⁴ PIRES, João Paulo Teixeira; DUQUE, Adauto Neto Fonseca. *Discursos: entre a manutenção da tradição e a aceitação dos princípios modernizadores vivenciados na cidade de Sobral nos anos de 1964*. In: *Revista Homem, Tempo e Espaço*. Sobral, CE, setembro de 2007. Centro de Ciências Humanas (CCH), p. 3.

⁵ *Ibidem*, p.85.

personificação de fatos históricos em torno de sua figura, criando um elo indissociável entre o bispo e o progresso da cidade.

Diversos são os autores, entre jornalistas, historiadores e sociólogos, que pensam e significam a cidade de Sobral, formatando, assim, uma literatura sobre o espaço citadino que nos foi útil para a construção deste estudo. Embora, em essência, a proposta não seja discutir as diversas nuances que constituem a cidade, uma vez que nossa preocupação atém-se, sobretudo, a conjuntura que compreende ao período da Ditadura Civil-Militar, uma série de questões se impõe e torna necessária uma discussão mais geral sobre Sobral, trazendo para estas páginas a cidade para além dos marcos temporais que esta pesquisa estabelece.

Consideramos a cidade, em sua essência, como um espaço polifônico, constituído de várias vozes e de vários sujeitos, que a tornam em um espaço heterogêneo, permeada pela singularidade, que a distingue das demais. Não é raro, contudo, encontrarmos na literatura sobre a cidade de Sobral, a construção de um discurso homogeneizador, permeado por silêncios, e engendrado a partir de um processo de seleção que, nomeando seus heróis e seus bem-feitores, elegem “uma” cidade, dentre tantas que a compõe. Como bem aponta Rabelo Filho,

(...) as escritas de Glória Girão & Norma Maia Soares, em Sobral: história e vida, Teodoro Soares, em A idéia de modernidade em Sobral, e Herbert Rocha, em O lado esquerdo do Rio, me intrigam sobremaneira, pois, além de apontarem para uma cidade aristocrática e harmoniosa, sobrelevando um personagem único como realizador da urbe, em circunstâncias específicas, negavam aquele curso histórico marcado por uma forte mobilização social, econômica, cultural e política, as quais foram todas dinamizadas numa nova/outra conjuntura relacional (Ditadura civil-militar).⁶

Portanto, salvo raríssimas exceções, ao nos depararmos com uma literatura sobre Sobral, a respeito dessas citadas acima por Rabelo Filho, percebemos a presença do silêncio quando buscamos referências sobre o período ditatorial em nossa cidade, levantando uma série de questionamentos que nos impulsionam a buscar o diálogo com outras fontes.

⁶ FILHO, José Valdenir Rabelo. *Uma Sobral, muitas cidades: apresentando tensões, e decifrando silêncios (1958-1966)*. Trabalho monográfico. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2009.

Em se tratando de uma literatura que problematize Sobral no contexto da Ditadura Civil-Militar, destacamos a produção de historiadores do Departamento de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) que, embora ainda em pequenas proporções, vem se debruçando sobre questões que envolvem a cidade, até então negligenciadas pela história oficial⁷, produzida a partir de uma perspectiva elitizada que, como citado anteriormente, constroem uma “cidade” em detrimento de outra. O diálogo com essas pesquisas são de extrema importância para entendermos a dinâmica cidadina durante o período; para entendermos Sobral para além do mito de uma cidade pacata e ordeira, distante dos conflitos, das resistências e da política repressiva do contexto ditatorial. É a partir do diálogo com essas pesquisas que pretendemos atuar na desconstrução do esquecimento, uma vez que entendemos que o processo de escrita histórica se dá, também, a partir desse, seja ele proposital ou não.

A desconstrução desse silêncio se dá, sobremaneira, quando a memória de sujeitos que vivenciaram o período ganha voz, através da História Oral, pois, como bem alerta o historiador Alessandro Portelli, “o trabalho histórico que se utiliza de fontes orais é infundável, dada a natureza das fontes; o trabalho histórico que exclui fontes orais é incompleto por definição”⁸. As tensões político-ideológicas silenciadas na literatura tradicional e a harmonia social forjada no meio citadino, nos fazem crer que a cidade de Sobral, por todo o tempo, manteve-se alheia aos acontecimentos políticos no contexto ditatorial, subjugada pela lógica ordeira do sistema repressivo. Partindo por percorrer entre os vestígios que apontam para um caminho inverso ao dessa lógica ordeira e silenciada, os testemunhos de sujeitos que vivenciaram a cidade durante o período nos apontam para uma nova possibilidade de se entender o lugar e os sujeitos que com ele se relacionaram.

Sobral do final dos anos 1960 e início dos anos 1970 era administrada basicamente por duas famílias tradicionais, Prado e Barreto, que se revezavam no poder como num círculo vicioso. Esses sujeitos estavam aliados aos “coronéis” em nível estadual e dos

⁷ Os trabalhos engendrados recentemente pelo citado Departamento, entre professores e alunos, apontam para uma nova perspectiva de se estudar a cidade de Sobral durante o período. Destaque-se os trabalhos dos(as) historiadores(as) Edvanir Maia da Silveira, José Valdenir Rabelo Filho e Viviane Prado Bezerra.

⁸ PORTELLI, Alessandro. *O que faz a História Oral diferente?* In: *Projeto História*, São Paulo, (14), 1997, PP. 25-39. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11233/8240> Acesso: 11/09/2012.

militares em nível federal⁹. A criação da Aliança Nacional Renovadora – ARENA, e do Movimento Democrático Brasileiro – MDB, em virtude da instituição do bipartidarismo em 1966, reconfigurou o cenário partidário no Brasil. Dessa forma, as lideranças políticas locais, traduzidas nas oligarquias das famílias Prado e Barreto, compunham a mesma ARENA – base de sustentação do governo militar -, só que esta esteve dividida em ARENA I, sob liderança de Jerônimo Prado, e ARENA II, liderada por Cesário Barreto. Tal situação nos permite perceber a expressão que o partido oficial da Ditadura teve na política sobralense, sendo representativo das duas oligarquias que se revezaram no poder municipal entre 1962 e 1994. O MDB, embora tenha existido em Sobral, apresentava-se muito inerte em seu papel de oposição, uma vez que mantinha boas relações com a ARENA.¹⁰

2. SOBRAL: UM SÓ LUGAR, VÁRIAS CIDADES, VÁRIOS SUJEITOS

Dentro desse contexto de harmonia política, onde estariam, então, os sujeitos que ousaram desafiar a Ditadura? Que lugar eles ocupam na história política de Sobral? Como um convite ao direito à verdade e ao passado submerso de histórias pessoais atravessadas pelo regime ditatorial, enveredaremos, a partir de então, pelos testemunhos de sujeitos que nos apontam perspectivas que desconstroem esta harmonia social forjada em Sobral. Se a cidade, como defendemos anteriormente, é um espaço polifônico, constituído de várias vozes, buscaremos, pois, nos testemunhos orais, lembranças de uma cidade que, por muito tempo, ficaram emudecidas na história do local.

O contato com sujeitos que, direta ou indiretamente, vivenciaram o contexto ditatorial em nossa cidade, nos permite perceber, entre os discursos, um conflito de memórias que põe em xeque duas cidades: a ordeira e pacata, moldada segundo os preceitos da Igreja Católica, e outra que, mesmo que timidamente, esboçou reações diante da conjuntura repressiva imposta pelos grupos civis e militares a partir de abril de 1964.

⁹ SILVEIRA, Edvanir Maia da. *A cidade dos “coronéis”: história e cultura política em Sobral – Ce (1962-1970)*. In: FREITAS, Nilson Almino de; JÚNIOR, Martha Maria; HOLANDA, Virgínia Célia C. de (org.). *Múltiplos olhares sobre a cidade e o urbano: Sobral e região em foco*. Sobral: EdUECE/UVA, 2010.

¹⁰ Ibidem.

Os testemunhos aqui registrados, feitos por nós e por outros historiadores, atuam como retalhos que nos ajudam a compor a colcha que constitui o cerne desta discussão: as muitas maneiras de se ver Sobral. Eles são essenciais para se compreender como se projeta a cidade durante o período ditatorial no imaginário destes sujeitos. É, pois, no diálogo com as fontes selecionadas, que buscaremos compreender as muitas cidades que compuseram Sobral durante nosso recorte temporal.

A ausência de conflitos, a ordem e sujeitos que - em nosso julgamento - remaram contra a maré, estão presentes no imaginário de José Ferreira Portella Netto, à época Diretor do Colégio Estadual, e que, durante a década de 1970, ministrou a disciplina “Organização Social e Política do Brasil”, mais conhecida como OSBP¹¹, inserida nos currículos escolares a partir da Ditadura. Para Portella, que, quando sargento, trabalhou com o General Castelo Branco quando este era general de brigada na 10ª Região Militar,

(...) Sobral vivia uma vida calma, tranqüila, apenas alguns movimentos, pelo Sul do país, é que chegavam aqui até Sobral como uma onda que se desfaz na beira da praia. (...) chega a Sobral através da imprensa, escrita e falada (...) mas (...) não chegavam com todo o poder, com toda a potencialidade que os fatos tinham naquela época. Sobral (...) era uma cidade pacata, calma, tanto que os representantes aqui de Sobral, nenhum, não, teve notícias de poucos sobralenses, salvo três ou quatro gatos pingados que se sentiram molestados pela... pelos inquéritos, pelas especulações, da Revolução. Poucos, muito poucos, ao ponto de se contar nos dedos da mão. O mais era ficção.¹²

Os denominadores utilizados pelo nosso entrevistado classificam Sobral dentro de um universo marcado pela ausência de conflitos. Ou seja, apesar das tímidas resistências, a cidade vivia, em essência, sob os preceitos ordeiros da “Revolução”. Contudo, apesar desta ordem, Portella deixa evidente que Sobral não esteve inteiramente alheia, quando põe, em seu discurso, a existência de “três ou quatro gatos pingados”. Além disso, percebe-se que

¹¹ “Disciplina que, de acordo com o Decreto Lei 869/68, tornou-se obrigatória no currículo escolar brasileiro a partir de 1969, juntamente com a disciplina de Educação Moral e Cívica (EMC). Ambas foram adotadas em substituição às matérias de Filosofia e Sociologia e ficaram caracterizadas pela transmissão da ideologia do regime autoritário ao exaltar o nacionalismo e o civismo dos alunos e privilegiar o ensino de informações factuais em detrimento da reflexão e da análise. O contexto da época incluía a decretação do AI5, desde 1968, e o início dos ‘anos de chumbo’(...). In: MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. “OSPB (Organização Social e Política Brasileira)” (verbete). *Dicionário Interativo da Educação Brasileira* - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. Disponível em: <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=365>. Acesso: 29/10/2012.

¹² NETTO, José Ferreira Portella. Depoimento [13 de junho de 2011]. Entrevistador: SILVA, João Batista Teófilo. Sobral, 2011.

nosso entrevistado neutraliza outras possibilidades de outras resistências, ao ser enfático com “o mais era ficção”.

Luiz Melo, à época padre e um dos colaboradores do *Correio da Semana* em 1964, rememora uma cidade conservadora, alienada e inerte:

Sobral era uma cidade muito conservadora e como tal, esperava os acontecimentos, não os fazia acontecer ('Quem sabe faz a hora, não espera acontecer'). Os jovens que se engajaram foi a convite, instruindo-os a respeito do trabalho a ser realizado, a exemplo de Gomes de Moura, hoje Desembargador aposentado. A população dividia-se, em sua maior parte, entre alienados e com medo.¹³

3. SOBRAL: MEMÓRIAS DA RESISTÊNCIA

Mas, quem seriam, então, esses “gatos pingados” que remaram contra a maré da época, e nos revelam outras possibilidades de se entender Sobral durante o período? Quem ousou quebrar a ordem desta cidade, “subvertendo-a” com atos “terroristas”?

Um episódio bem emblemático que evidencia a existência de sujeitos que ousaram desafiar a lógica repressiva da Ditadura, quebrando a harmonia social vivenciada em Sobral, diz respeito ao episódio em que estudantes secundaristas do Colégio Sobralense, se articularam para homenagear um dos líderes da Revolução Cubana de 1959, Ernesto “Che” Guevara. Na ocasião, tratava-se de uma homenagem a ser realizada na programação de término de curso, em 1967. Francisco das Chagas Sabóia, ex-aluno do Colégio Estadual, que à época participou deste episódio, esclarece:

(...) aqui em Sobral houve alguns movimentos, ou seja, em certa época os estudantes do Colégio Estadual Dom José, unidos com os estudantes do Colégio Sobralense, nós íamos fazer, que eu era aluno já do Colégio Estadual, naquela época aqui não teve influência universitária (...). Nós íamos fazer uma homenagem a Che Guevara, na Praça do Abrigo Coração de Jesus.¹⁴

As memórias de Sabóia nos abrem margem para supor que, embora se tratando de uma homenagem a ser executada na festa de término de curso do Colégio Sobralense, outros sujeitos acabaram por se envolver de alguma forma, tendo em vista

¹³ MELO, Luiz Vieira. Depoimento por e-mail [23 de outubro de 2012]. Entrevistador: SILVA, João Batista Teófilo. Campina Grande – PB, 2012.

¹⁴ SABÓIA, Francisco das Chagas. Depoimento [03 de novembro de 2006]. Entrevistadores: FILHO, José Valdenir Rabelo; SILVEIRA, Edvanir Maia da. Sobral, 2006.

que o entrevistado, como dito, era aluno do Colégio Estadual. Posto que as corrosões da memória impedem, por vezes, de discernir com maior clareza as ações de sujeitos no passado, os vestígios orais de Sabóia suscitam indagações sobre se, de fato, tal homenagem tenha ficado restrita ao universo do Colégio Sobralense, embora fosse ele o executor da homenagem.

A homenagem dos estudantes, no entanto, fora frustrada pelos agentes da repressão, que haviam sido avisados da pretensa homenagem, obrigando-os a abortar o plano: “Porque a praça tava totalmente cercada, com policiais totalmente armados”¹⁵. Ainda segundo Sabóia: “(...) nós recebíamos panfletos, folhetos e mais do Rio, de São Paulo, e até de Cuba, porque nos tínhamos um mentor aqui em Sobral muito culto que traduzia pra nós. Porque nós éramos garotos de dezessete, dezesseis(...)”¹⁶. O mentor citado por Sabóia trata-se do Pe. Luiz Dias Rodrigues, mais conhecido como Pe. Luizito, à época professor do Colégio Sobralense.

Os acontecimentos que permeiam tal episódio também se fazem presentes na memória de João Ribeiro Paiva, ex-seminarista e ex-aluno do Colégio Sobralense, que também andarilha por entre os vestígios das resistências em Sobral, trazendo à tona acontecimentos há muito submersos. A tentativa de se homenagear, ao lado de líderes religiosos, o guerrilheiro Che Guevara, lido pelas elites conservadoras como terrorista, figura emblemática da Revolução Cubana, causou receio quando da impressão dos convites para a festa de término da 8ª série. É importante ressaltar que as serigrafias de Sobral, temendo represálias, recusaram-se a imprimir os convites, uma vez que fazê-lo seria por demais comprometedor diante da situação de extrema vigilância e repressão em que o país se encontrava. Rememorando, João Ribeiro Paiva joga luzes sobre acontecimentos passados:

(...) esse convite, nós não encontramos aqui em Sobral gráfica que quisesse imprimir, era muito comprometedor fazer aquilo. Foi feito à mão (...) e eu não sei como foi que um desses convites chegou ao conhecimento da Polícia Federal, né, que eles proibiram a nossa festa. Nós não fizemos festa de término de curso por conta dessa homenagem prestada ao Che Guevara (...) Eles primeiro mandaram um telegrama. O telegrama dizia mais ou menos assim: ‘As Forças Armadas Brasileiras (...) não permitirão a realização desta festa’.¹⁷

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ PAIVA, João Ribeiro. Depoimento [09 de novembro de 2012]. Entrevistador: SILVA, João Batista Teófilo. Sobral, 2012.

O envolvimento entre “subversivos” e Igreja não se deu somente quando da escolha dos homenageados. Segundo João Ribeiro, em momentos de tensão, com a polícia em busca dos responsáveis por este ato “subversivo”, era no seio da própria Igreja que os perseguidos buscavam refúgio, contando com a ajuda de padres para se esconderem:

A gente era procurado, a gente sabia que estava sendo procurado. E nós tínhamos alguém que nos informava da presença da Polícia Federal aqui em Sobral, né. E aí a gente recebia o comunicado, aquilo... sobretudo partindo da Igreja. A Igreja também assumiu, assim, uma posição de nos proteger, né. Eles nos comunicavam e a gente fugia daqui, né, e ia pra outras cidades do interior, passava alguns dias por lá. Outros já se mudaram de Sobral, definitivamente. Eu particularmente fui muito procurado porque eu era o orador da turma (...).¹⁸

Esse episódio da homenagem resultou na vinda de oito policiais de Fortaleza, que interrogaram Pe. Pedro Van Ool, professor de História do Colégio Sobralense e um dos articuladores da ação. O interrogatório aconteceu na sacristia do Abrigo Coração de Jesus, tendo os agentes da repressão deixado claro que se a cerimônia de homenagem se concretizasse, haveria intervenção militar. Por fim, mesmo não havendo a cerimônia, Pe. Pedro e Pe. Osvaldo Chaves, à época professor de Literatura do mesmo colégio, foram enquadrados na Lei de Segurança Nacional.¹⁹

Pe. José Linhares Ponte, hoje Deputado Federal e à época diretor do Colégio Sobralense e Reitor do Seminário Diocesano de Sobral, relembra os exageros presentes na ação militar por conta do episódio, uma vez que, temendo a realização da festa e a concretização da homenagem, o Exército mobilizou um batalhão de homens contra 28 adolescentes. Trocando em miúdos, usou-se uma força de cem para levantar dez quilos. Apesar de, aparentemente, uma simples homenagem, que repercutiu nacional e internacionalmente, para a conjuntura da época, tal ato representava, simbolicamente, subverter os preceitos ordeiros da “Revolução de 64”, homenageando um dos maiores símbolos do comunismo, dentro de uma instituição católica, marcada pelo conservadorismo:

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ BEZERRA, Viviane Prado. *Memória política de Sobral: Ditadura Militar em foco*. Trabalho monográfico. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2004, p.77.

Então ficou decidido que não seria feita a festa, e eu entregaria os diplomas debaixo de um poste. Importante que eu entreguei os diplomas debaixo de um poste e o exército cercando tudinho, mal sabia o exército que estávamos entregando os diplomas. E os meninos, cretinamente, me pediram pra deixar todas as luzes acesas do colégio (...). E aí quando foi oito horas da manhã, eles viram que não tinha nada e tal, e foram embora. E foi a coisa mais ridícula que a BBC de Londres deu, o Jornal do Brasil deu... Esses meninos ficaram célebres, ficaram célebres com a escolha do patrono da turma deles, o Che Guevara (...).²⁰

Os relatórios de viagem do Serviço Estadual de Informação e Polícia Militar, vinculado à Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS-CE), evidenciam que Sobral não passou despercebida aos olhos vigilantes dos órgãos de repressão, uma vez que “(...) a presença dos agentes de informação era constante no interior do estado. Desde 28 de abril de 1964, quando se marca o início da atuação da *Comissão Volante Eixo RVC – Centro, do Ministério da Guerra* que os municípios do Ceará são alvos de fiscalização (...)”.²¹

Em 14 de dezembro de 1967, os relatórios de viagem assim se referem ao episódio envolvendo a pretensa homenagem ao guerrilheiro Che Guevara:

A origem do citado movimento teve início com o trabalho a ser executado em casa, ordenado pelo padre Oswaldo, trabalho este sobre o Chefe Revolucionário – Guerrilheiro Comunista – ‘Che Guevara’. Os debates entre professores e alunos relativos a este Guerrilheiro duraram uma (1) semana. Quando da votação sobre a escolha do Homenageado Especial para figurar na programação de término de Curso, mais da metade dos concludentes foram a favor do citado Guerrilheiro como Homenageado (Homenagem Póstuma), sendo a seguinte a ordem do convite:

S.S. João XXIII.

D. José Tupinambá da Frota.

Dr. Ernesto CHE GUEVARA.

(...).

No convite, a frase ‘NINGUÉM TEM MAIOR AMOR QUE O DAQUELE QUE DÁ A VIDA POR SEUS IRMÃOS’ teve a palavra ‘IRMÃOS’ colocada no lugar original Bíblico de ‘AMIGOS’.

²⁰ PONTE, José Linhares. Depoimento [23 de novembro de 2012]. Entrevistadores: SILVA, João Batista Teófilo; SILVEIRA, Edvanir Maia da. Meruoca, 2012.

²¹ BEZERRA, Viviane Prado Bezerra. *Houve repressão em Sobral? Os arquivos do DOPS e a atividade estudantil nos anos 1960*. In: *Documentos. Revista do Arquivo Público do Estado do Ceará*, nº6. Fortaleza: Arquivo Público do Estado do Ceará, 2009, p. 40.

*Atualmente, o maior foco esquerdista de Sobral é o próprio seminário.*²²

É oportuno frisar que, mesmo tendo optado pela escolha do guerrilheiro como homenageado, numa atitude ousada, tendo em vista as circunstâncias políticas que o Brasil atravessava, os estudantes escolheram o General Josias Ferreira Gomes como o nome referência para turma. Ou seja, a escolha de um representante das Forças Armadas nos faz supor que a intenção dos alunos, ao também homenagear o guerrilheiro, não tenha sido unicamente para provocar os agentes da repressão, tendo em vista que, além de se homenagear representantes da Igreja Católica, os alunos escolheram, também, o citado general e o prefeito da cidade à época, Jerônimo Medeiros Prado.

Entre o sagrado e o profano, coabitando no mesmo espaço figuras tão distintas – o revolucionário e os conservadores –, a pretensa homenagem capitaneada por um representante da Igreja Católica nos mostra que, tal qual como alude o citado relatório de viagem, a ordem e os bons costumes, moldados a partir dos princípios cristãos, são transgredidos a partir da própria Igreja, em que o maior foco esquerdista na cidade é o seminário.

Essa informação, entretanto, requer cautela: seria por demais arriscado fazermos uma leitura homogênea da atuação da Igreja Católica em Sobral durante o período da ditadura. O mais prudente é avaliarmos essas informações a partir da atuação de sujeitos ligados à Igreja, que encabeçaram ações de resistência à política repressiva da ditadura que se vivia naquele momento. Dentro da mesma instituição, coabitavam sujeitos conservadores e progressistas, estabelecendo, a partir desta constituição mista, um embate entre a tradição e a modernidade.

Vitimado por essas “forças conservadoras” mencionadas acima, o ex-seminarista João Ribeiro, costurando a partir das memórias a colcha de retalhos que constituí o cerne de nossa problemática, relembra o episódio em que fora denunciado à

²² Relatório de viagem a Sobral-CE. 14 de dezembro de 1967. Delegacia de Ordem Política e Social. Acervo do Arquivo Público do Estado do Ceará. In: FILHO, José Valdenir Rabelo. *“A gente também fazia manifesto de rua né, a gente fazia protesto”*: culturas políticas e memórias da resistência à ditadura civil-militar em Sobral – CE (1964-1967). *Anais do Encontro Nacional de História Oral*. Volume 1, n.1. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. Disponível em: http://www.historiaoral.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=103. Acesso: 30/09/2012. Grifos meus.

Polícia Federal, por conta do programa de rádio apresentado por estudantes na Rádio Educadora, órgão da Diocese de Sobral, chamado “A Voz do Estudante”:

(...) O Correio da Semana, na época, como a Rádio Educadora, era dirigido por um padre muito ‘reaça’, e muito medroso, Pe. Egberto Rodrigues. O Pe. Egberto me expulsou da rádio. Aliás, ele me entregou, quem... um dos primeiros a me entregar à Polícia Federal foi o Pe. Egberto, porque nós tínhamos um programa na rádio, A Voz do Estudante, e eu era o, um dos que tava a frente deste programa. E o Pe. Egberto, eu acho que pra mostrar pra Polícia Federal que ele não concordava, ele publicou no quadro de avisos cancelando o programa, e dizendo ‘e os jovens João Ribeiro Paiva, Lourenço Araújo Lima, Antônio de Alcântara Macedo, não terão acesso aos estúdios desta rádio por perniciosos’. Eu decorei porque o Pe. Osvaldo copiou lá do quadro de avisos e me mostrou os termos da proibição porque eu não podia mais nem entrar lá (...).²³

O estopim para o cancelamento do programa e a proibição da entrada de seus articuladores na Rádio Educadora, foi quando João Ribeiro, durante o programa, lera um discurso do bispo da Diocese de Crateús, Dom Antonio Batista Fragoso, a respeito de Cuba:

(...) li um discurso do bispo de Crateús, em que ele dizia que bem que a Cuba podia ser um exemplo para toda a América Latina, né. Então D. Fragoso fez esse discurso que a imprensa do país deu notícia; isso aí causou uma reviravolta danada no meio da Ditadura Militar, e nós lemos, eu, pessoalmente, li na íntegra este discurso de D. Fragoso no nosso programa da Rádio Educadora. Quando nós terminamos o programa, que era ao meio dia, a Praça da Coluna da Hora estava cheia de jovens, as pessoas... pra dá um apoio, né, ali de perto, né, nós saímos de lá aplaudidos pela multidão de jovens, tão forte era o discurso de D. Fragoso.²⁴

Figura emblemática no meio da Igreja Católica no Brasil, por conta de seu posicionamento contrário à Ditadura, D. Fragoso fora *persona non grata* nos meios militares. Defendeu que Cuba deveria ser um exemplo para toda a América Latina, e concitou a todos os cidadãos de Crateús a transformarem a Diocese do local em uma pequena ilha cubana. Numa conferência realizada em Sobral, afirmou desejar ter a coragem do líder Che Guevara para lutar pelos oprimidos.²⁵

²³ PAIVA, João Ribeiro. Depoimento [09 de novembro de 2012]. Entrevistador: SILVA, João Batista Teófilo. Sobral, 2012.

²⁴ Ibidem.

²⁵ MONTENEGRO, Antonio Torres. *Arquiteto da memória: uma memória de Crateús*. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de Si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 322.

Noutro relatório de viagem dos agentes do DOPS/CE, de 17 de setembro de 1968, percebemos Sobral permeada por outras manifestações contrárias ao regime ditatorial, revelando a existência de sujeitos/grupos audaciosos, convergindo para outra perspectiva de cidade para além da Sobral alheia aos arbítrios da Ditadura:

Em recente viagem feita à vizinha cidade de Sobral pude constatar encontrar-se a referida completamente 'pichada' com dizeres contra o governo, de elogio à ex-UNE, e a favor de uma contra-revolução. Além dos pichamentos é constante a distribuição de 'panfletos', que é feita abertamente (...). Vários dos tais Manifestos foram distribuídos no dia 07 de setembro. Os movimentos contra-revolucionários são orientados pelo Centro dos Estudantes de Sobral, tendo na vanguarda os Padres: Pedro, José Linhares, Oswaldo.²⁶

Os testemunhos colhidos para esta pesquisa evidenciam que, de fato, o Seminário Diocesano era permeado por sujeitos informados por ideias que iam contra as perspectivas disseminadas pelo discurso militar. Neste sentido, tanto o Seminário como o Colégio Sobralense, vinculado à Igreja Católica, eram bastante visados pelos militares, como deixam bem claro os testemunhos de todos os entrevistados. Pe. José Linhares, enquanto Diretor do Colégio, relembra ser constante a presença de pessoas estranhas, que os procuravam com falsos pretextos:

A polícia ficava numa vigilância permanente no colégio, né. O colégio era constantemente é, visitado por pessoas estranhas. Ora se apresentavam como vendedores de livros, ora se apresentavam se oferecendo para dá curso de pedagogia, e a gente conhecendo os tipos que vinham, porque eles não sabiam nem disfarçar.²⁷

Foi, portanto, para o seio da Igreja Católica em Sobral, que as forças repressivas da Ditadura mais voltaram sua atenção, ficando alertas nas ações de padres e seminaristas, que possuíam comportamentos que em nada agradavam os militares. Porém, se na própria casa de Deus existiam os sujeitos “subversivos”, havia, também, os delatores, evidenciando, conforme já defendido, o embate entre as forças progressistas e conservadoras da instituição:

Bom, o Golpe de 1964, em Sobral, ele praticamente, a sociedade dele não participou. Só participaram dele os então professores do Seminário Diocesano de Sobral, professores estes que nós podemos nomeá-los, né: Pe. Oswaldo, Pe. Luizito, Pe. Zé Linhares, Pe. Albanir, Pe. Marcondes Montesuma, e...

²⁶ Relatório de Viagem a Sobral-CE. 17 de setembro de 1968. Delegacia de Ordem Política e Social. Acervo do Arquivo Público do Estado do Ceará. Apud FILHO, José Valdenir Rabelo. Op. Cit. p. 13-14. Grifos meus.

²⁷ PONTE, José Linhares. Depoimento [23 de novembro de 2012]. Entrevistadores: SILVA, João Batista Teófilo; SILVEIRA, Edvanir Maia da. Meruoca, 2012.

*praticamente estes cinco foram os que mais, digamos assim, se envolveram e se comprometeram a fazer a reação ao golpe. (...)Eu dava aula na faculdade de Sociologia. E, à esta época, chegou o período que tinha que falar de sistemas... o que era o sistema socialista, o que era o sistema comunista, o sistema capitalista, e foi nesta época que eu, em 64, exatamente, segundo os alunos, - eu não posso dá uma assertiva – um professor assistia as minhas aulas, por trás da porta (...). O que é certo é que, quando eu iniciei a dar teoria comunista, começando pelo Karl Marx, depois passando pro Lênin, então chegar até o período em que houve a invasão da Rússia (...) eu fui chamado, fui chamado pelo Exército. Fui chamado primeiro pelo bispo, e chamado pelo Exército. E fui chamado com a seguinte opção: ou eu ia pra cadeia ou teria que me retirar do Brasil. (...) Os outros padres, o Luizito como o Pe. Albanir, eles tiveram de fugir muitas vezes, é... se esconder, se ocultar, porque foram procurados. (...).*²⁸

Oportuno frisar que os agentes da repressão, de um modo geral, deram atenção especial à Igreja e ao meio estudantil por esses serem, comumente, “focos de ações subversivas” em todo o território nacional. Assim, o Seminário de Sobral, portanto, não passaria despercebido aos olhos vigilantes da repressão. Notemos também que Pe. José Linhares rememora ter sido chamado primeiro pelo bispo, à época D. Walfrido Teixeira, e só depois pelo Exército. Isso evidencia a preocupação dos agentes da repressão em manter um aparente respeito pelas autoridades locais, a exemplo do prefeito e do bispo da cidade, sustentando a falsa ideia de democracia que o regime ditatorial queria passar para a opinião pública. Além disso, era comum no contexto da repressão ditatorial a questão do colaboracionismo entre os poderes locais e o regime; não por acaso, antes de procurar pelo padre que “pregava o comunismo” em suas aulas, o Exército tenha se direcionado primeiramente ao seu superior, o bispo, primando pela colaboração que esse poderia dar às Forças Armadas. Tais reflexões fazem necessária uma atenção especial sobre o posicionamento moderado do bispo da Diocese de Sobral, que se pautou em ações de neutralidade, evitando enfretamento direto com a Ditadura.

Ao contrário do senso-comum, que limita a vida política brasileira do contexto ditatorial ao eixo Sul-Sudeste, e isso, em boa parte, em razão de termos uma produção bibliográfica ainda essencialmente voltada para esse eixo, as evidências apresentadas atuam como vestígio de uma cidade que, fugindo da sua condição de pacata e ordeira, não somente fez ecoar um contra-discurso, fora da perspectiva “progressista” da “Revolução”,

²⁸ Ibidem.

como também estava ciente da situação política do país daquele momento. Portanto, as vozes que constituem a cidade não ecoaram, em uníssono, um mesmo discurso.

Ações partindo, sobretudo, de estudantes secundaristas - uma vez que, à época, não podemos falar de grupos estudantis universitários organizados em Sobral – traduzem o que fora a contestação ao regime militar na cidade, visto que não encontramos outros indícios que apontem para grupos organizados, formados, por exemplo, em essência, por sindicalistas ou trabalhadores em geral. A historiadora Viviane Prado Bezerra, em linhas gerais, assim define as ações estudantis em Sobral durante o período: “a atividade estudantil vinha se configurando pela prática de pichações e pela confecção e distribuição de panfletos com mensagens de oposição à ditadura e ao capitalismo”²⁹. Assim, é oportuno reproduzir um dos panfletos à época distribuído pelo Centro Estudantal Sobralense, em 1968:

Por que Marchar?

Liberdade significa justiça. Não é fome nem escravidão, mas como o Governo gosta sempre de botar o povo pra marchar obrigou a todos os colégios a desfilar no dia 7 de setembro. E os estudantes vão embora forçados, comemorar o que na realidade não existe: Liberdade. A prova de que não existe é que nesse dia vão desfilar forçosamente ombro a ombro com aqueles que os perseguem, que os maltratam e que os matam em praças públicas: os militares. Não será isso uma incoerência?

(...)

O estudante sabe o que quer e por isso é inconformado e inquieto com a desorganização que ora sofre o seu país.

*Centro Estudantal Sobralense.*³⁰

Sabemos que em 1968, data de publicação desse manifesto, o mundo fora sacudido por intensas manifestações estudantis, evidenciando a explosão de sonhos libertários que abalou os alicerces conservadores que sustentavam a sociedade de então, modificando irreversivelmente a maneira de ver o mundo, seja nas esferas política, ética e sexual, em que a juventude de então fora a protagonista deste furor revolucionário. Em essência, “o ano dos estudantes, é como a maioria das pessoas se lembra de 1968”³¹. Apesar das maiores manifestações terem ocorrido na França, outras partes do mundo,

²⁹ BEZERRA, op. Cit., p.47.

³⁰ Panfleto produzido pelo Centro Estudantal Sobralense. 1968. Arquivo DOPS. Arquivo Público do Estado do Ceará. Apud BEZERRA, Viviane Prado. Op.Cit. p. 48.

³¹ ALVES, Márcio Moreira. *68 mudou o mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 21.

inclusive o Brasil, não passaram ilesas por este “furacão” revolucionário. No Ceará, ocorreram greves, passeatas, confrontos entre oposicionistas e polícia, e também as primeiras manifestações armadas de esquerda no Ceará, sendo negligenciadas pela imprensa enquanto tal.³²

Segundo Francisco Sabóia³³ existia um grupo, capitaneado por Pe. Luizito e formado por alunos de dois colégios, Estadual e Sobralense, e sujeitos de fora do universo estudantil, que totalizava umas vinte pessoas. Esse grupo atuou entre os anos de 1968 e 1970. Com a prisão de quase todos os membros, seu mentor, Pe. Luizito, exilou-se no exterior.

Oportuno frisar que os vestígios passados que tivemos acesso, seja através de documentos e testemunhos orais, não nos permitiu definir com maior clareza a existência de grupos coesos em Sobral durante o período. Os episódios relatados não nos permitem indicar, por exemplo, quantos e quais grupos atuaram na cidade. Há, ainda, uma zona cinzenta encobrendo as possíveis relações existentes entre um ou mais grupos.

Dentre as articulações de resistência à Ditadura em Sobral, destacam-se a explosão da ponte Otto de Alencar, que liga os dois lados da cidade, cortada pelo Rio Acaraú, como também a explosão do palanque em que estariam as autoridades da cidade, na ocasião das comemorações do 7 de setembro de 1969. Essas articulações, entretanto, não foram concretizadas, uma vez que o DOPS tomara conhecimento, prendendo alguns dos articuladores do grupo:

(...) em frente ao Posto Esso, nesta cidade, de posse de um estopim e de uma tampa de cortiça, procuravam meios para confecção ou aquisição de uma bomba, com que pretendiam destruir o palanque destinado às autoridades, no dia 7 de setembro, armado à Praça Dr. Antônio Ibiapina, nesta cidade, numa autêntica demonstração terrorista, tudo indicando fazerem parte de uma rede subversiva(...).³⁴

O episódio em questão, ocorrido às vésperas das comemorações da Independência do Brasil, 7 de setembro, refere-se à prisão do operário Francisco Alves de Oliveira e do

³² FARIAS, Airton de. *Além das armas: guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-72)*. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2007, p. 63.

³³ ³³ SABÓIA, Francisco das Chagas. Depoimento [03 de novembro de 2006]. Entrevistadores: FILHO, José Valdenir Rabelo; SILVEIRA, Edvanir Maia da. Sobral, 2006.

³⁴ Portaria. Delegacia Especial de Polícia em Sobral. 06 de setembro de 1969. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Acervo do Arquivo Público do Estado do Ceará. Apud FILHO, José Valdenir Rabelo. Op. Cit. p.7. Grifos meus.

estudante Almilcar Ximenes Ponte, “por três elementos que trajavam civilmente”. Tais ações, entretanto, não se concretizaram, restringindo-se, apenas, a pretensão e articulação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações e sujeitos aqui estudados nos revelam que, mesmo alheios aos olhos da grande maioria da sociedade sobralense, que permaneceu mergulhada em seu universo pacato e ordeiro, existia uma outra Sobral, outros sujeitos que, a partir de suas ações, chacoalharam a ordem e se dispuseram a desestabilizar o *status quo* da lógica ditatorial formatada por grupos civis e militares a partir de 1964. Quebram, portanto, um silêncio que por décadas coadunou com a história de Sobral engendrada a partir desta perspectiva ordeira, fazendo emergir vozes de sujeitos submersas por outras histórias. As ações de tais sujeitos puseram, portanto, em alerta as autoridades de então, fazendo com que essas se voltassem para o Sertão do Ceará, para a cidade que, vivendo sob as bênçãos de D. José, aparentemente não estaria sendo palco de embates envolvendo cidadãos perseguidos pela Ditadura Civil-Militar, tal qual ocorria nas regiões Sul e Sudeste deste país.

Fontes

MELO, Luiz Vieira. Depoimento por e-mail [23 de outubro de 2012]. Entrevistador: SILVA, João Batista Teófilo. Campina Grande – PB, 2012.

NETTO, José Ferreira Portella. Depoimento [13 de junho de 2011]. Entrevistador: SILVA, João Batista Teófilo. Sobral, 2011.

PAIVA, João Ribeiro. Depoimento [09 de novembro de 2012]. Entrevistador: SILVA, João Batista Teófilo. Sobral, 2012.

PONTE, José Linhares. Depoimento [23 de novembro de 2012]. Entrevistadores: SILVA, João Batista Teófilo; SILVEIRA, Edvanir Maia da. Meruoca, 2012.

SABÓIA, Francisco das Chagas. Depoimento [03 de novembro de 2006]. Entrevistadores: FILHO, José Valdenir Rabelo; SILVEIRA, Edvanir Maia da. Sobral, 2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Márcio Moreira. *68 mudou o mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BEZERRA, Viviane Prado. *Memória política de Sobral: Ditadura Militar em foco*. Trabalho monográfico. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2004

_____. *Houve repressão em Sobral? Os arquivos do DOPS e a atividade estudantil nos anos 1960*. In: *Documentos. Revista do Arquivo Público do Estado do Ceará*, nº6. Fortaleza: Arquivo Público do Estado do Ceará, 2009.

FARIAS, Airton de. *Além das armas: guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-72)*. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2007

FILHO, José Valdenir Rabelo. *Uma Sobral, muitas cidades: apresentando tensões, e decifrando silêncios (1958-1966)*. Trabalho monográfico. Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2009.

_____. *“A gente também fazia manifesto de rua né, a gente fazia protesto”:* *culturas políticas e memórias da resistência à ditadura civil-militar em Sobral – CE (1964-1967)*. *Anais do Encontro Nacional de História Oral*. Volume 1, n.1. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. Disponível em: http://www.historiaoral.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=103.

FREITAS, Nilson Almino de. *Sobral, opulência e tradição*. Sobral: Edições UVA, 2000.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. "OSPB (Organização Social e Política Brasileira)" (verbete). *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil*. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. Disponível em: <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=365>. Acesso: 29/10/2012.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *Arquiteto da memória: uma memória de Crateús*. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de Si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

PIRES, João Paulo Teixeira; DUQUE, Adauto Neto Fonseca. *Discursos: entre a manutenção da tradição e a aceitação dos princípios modernizadores vivenciados na cidade de Sobral nos anos de 1964*. In: *Revista Homem, Tempo e Espaço*. Sobral, CE, setembro de 2007. Centro de Ciências Humanas (CCH).

PORTELLI, Alessandro. *O que faz a História Oral diferente?* In: *Projeto História*, São Paulo, (14), 1997, PP. 25-39. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11233/8240> Acesso: 11/09/2012.

SILVEIRA, Edvanir Maia da. *A cidade dos “coronéis”: história e cultura política em Sobral – Ce (1962-1970)*. In: FREITAS, Nilson Almino de; JÚNIOR, Martha Maria; HOLANDA, Virgínia Célia C. de (org.). *Múltiplos olhares sobre a cidade e o urbano: Sobral e região em foco*. Sobral: EdUECE/UVA, 2010.

